

REVISTA ACADÊMICA





Revista Acadêmica
7ª Edição - Setembro de 2017

Academia de Letras dos Estudantes da Universidade Mackenzie
Instalada em 02 de Outubro de 1956

Índice

A Academia -	4
Membros -	5
Conselho de Veteranos e Membros Honorários -	6
Edital para novos membros -	7
Textos -	8
Fim -	51



A Academia dos Estudantes e a Revista Acadêmica

Academia de Letras dos Estudantes da Universidade Mackenzie nasceu em 02 de outubro 1956 por iniciativa dos estudantes da Faculdade de Direito que, unidos pela alma exploradora dos primeiros anos da Universidade, resolveram fundar uma entidade capaz de desenvolver o espírito literário dentro dos diversos cursos da instituição. Após as primeiras décadas, a Academia perdeu adeptos e acabou se tornando uma instituição sem membros ativos. Nesses anos, diversas ações foram executadas com o objetivo de reerguê-la, mas, apenas em 2012, por iniciativa do Centro Acadêmico João Mendes Jr., órgão de representação estudantil da Faculdade de Direito do Mackenzie, finalmente, a Academia de Letras dos Estudantes foi refundada. Atualmente, a Academia conta com 40 cadeiras, ocupadas exclusivamente por estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade. Após a formação, os membros compõem o Conselho de Veteranos, em número infinito. A finalidade da Academia de Letras dos Estudantes da Universidade Mackenzie é fomentar a produção e o debate literário dentro da Universidade, contribuindo para o desenvolvimento pleno dos estudantes e da literatura nacional. A Academia de Letras dos Estudantes tem como irmã a Academia Mackenzista de Letras (AML), entidade fundada em 2015 por ilustres escritores vinculados à Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Desde 2015, a Academia de Letras dos Estudantes publica a “Revista Acadêmica”, um instrumento de divulgação, promoção literária e fomento intelectual.

Estudantes Membros - 2º Sem/2017

Cadeira	Patrono	Estudante
1	Dante Alighieri	Thomas Pagano Brundo Gasparetto
2	Gregório de Matos	Danilo Souza Costa (Direito)
3	Luis Gama	Leonardo Ribeiro (Direito - Mestrado)
4	Álvares de Azevedo	Leonardo Spinola Alcântara
5	Augusto dos Anjos	Victor Castilhano Viterbo (Direito)
6	Lygia Fagundes Telles	Ana Paula Ricco Terra (Direito)
7	Monteiro Lobato	Isaac Conti
8	Fernando Pessoa	Márcio José Silva (Educação, Arte e História da Cultura - M.)
9	Carlos Drummond de Andrade	Danielli Morelli (Doutorado - Letras)
10	Mario Quintana	<i>Cadeira Vaga</i>
11	Evandro Lins e Silva	Bruna Bianca Brandalise Piva (Direito)
12	Jorge Amado	Leonardo Mariuzzo Plens (Direito)
13	Nelson Rodrigues	Thiago Blumenthal
14	Clarice Lispector	Aidil Prado (Direito)
15	Antonio Carlos Jobim	<i>Cadeira Vaga</i>
16	Vinicius de Moraes	Jonathan Estevam da Silva Martins (Direito)
17	Machado de Assis	Otávio Coelho (Direito)
18	Mia Couto	<i>Cadeira Vaga</i>
19	Manuel Bandeira	Rafael Rosa
20	José Saramago	Verimar Guimarães (Direito)
21	Ariano Suassuna	Noemi Macedo (Direito)
22	Luís Vaz de Camões	Luiz Roberto Rodrigues Junior (Direito)
23	Ferreira Gullar	Carlos Mota (Direito)
24	João Guimarães Rosa	Breno Silva Oliveira (Direito)
25	João Cabral de Melo Neto	Joao Carlos Lopes da Silva (Direito)
26	Cecília Meireles	Luiza Paz da Cunha (Direito)
27	Miguel de Cervantes Saavedra	Felipe Pereira Gallian (Direito)
28	Umberto Eco	Andressa Gomes (Direito)
29	Alexandre Dumas	Mariana Seminati Pacheco (Letras - Mestrado)
30	Gonçalves Dias	Ayran Oliveira Michelin (Direito)
31	Lima Barreto	Lucas Marques Silva (Direito)
32	Caio Fernando Abreu	Felipe Batista (Direito)
33	Cora Coralina	Clara Bressan (Direito)
34	Johann Wolfgang von Goethe	Gabriella Cristine Escudero Vapsys (Direito)
35	Castro Alves	Guilherme Vieira da Silva
36	Heráclito F. Sobral Pinto	Luca Parentoni
37	H.P. Lovecraft	Tiago Falcão
38	Fiódor Dostoiévski	Vitor Hossu
39	<i>Não definido</i>	<i>Cadeira Vaga</i>
40	<i>Não definido</i>	<i>Cadeira Vaga</i>

Antiga	Conselho de Veteranos - Formados	
8	Fernando Pessoa	Felipe Righetti Ganança (Direito - Formado - 2013)
7	Monteiro Lobato	Karina Azevedo Simões de Abreu (Direito - Formada - 2014)
12	Jorge Amado	Larissa Martinez Arten (Letras - Formada - 2015)
15	Antonio Carlos Jobim	Wilson Victorio Rodrigues (Direito - Formado - 2016)
4	Álvares de Azevedo	Arthur Fernandes G. Rodriguez (Direito - Formado - 2016)
5	Augusto dos Anjos	Gabriel Possamai Boneto (Direito - Formado - 2015)
1	Dante Alighieri	Aurélio Tadeu Luiz Barbato (Direito - Formado - 2015)
15	Antonio Carlos Jobim	Vinicius Caruso (Engenharia Civil - Formado - 2017)
19	Manuel Bandeira	Beatriz Campos (Direito - Formada - 2017)
7	Monteiro Lobato	Sarah Machado Acuña (Direito - Formada - 2017)
28	Umberto Eco	Guilherme Ferreira Leite Belmudes (Direito - Formado - 2016)
10	Mario Quintana	Marco Antônio Ferreira Lima Filho (Jornalismo - Formado - 2017)
18	Mia Couto	Mariana Santos Brito (Biologia - Formada - 2016)
Membros Honorários		
	Guilherme Ramalho Neto	Ex-Presidente da ABAMACK (2011/2013)
	Armando Iazzetta	Antigo membro da Academia (1956) - Direito - Mackenzie
	Nelson Câmara	Presidente da AML - Direito - Mackenzie

Edital para novos membros

A Academia de Letras dos Estudantes da Universidade Mackenzie comunica a todo o corpo discente da Universidade que foi publicado o Edital para composição de **06 (seis)** vagas abertas na Academia.

Art. 1º O processo para seleção dos 06 (seis) membros da Academia de Letras dos Estudantes da Universidade Mackenzie será conduzido por Comissão Especial indicada pelos atuais membros.

Art. 2º. Estão aptos para participar do processo seletivo os estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Art. 3º. Os candidatos deverão enviar, entre os dias 18/09/2017 a 15/10/2017, pelo e-mail academiadeletrasdosestudantes@gmail.com : I - Folha com nome completo, idade, curso, semestre, turma, número de matrícula, e-mail, telefone e nome do Facebook. II - Carta de motivação, de apenas uma página. III - 3 (três) textos de sua autoria, de qualquer natureza, com limite de 10 (dez) páginas cada (não há limite mínimo). IV - 1 (uma) crítica sobre qualquer livro de literatura, com limite máximo de 5 (cinco) páginas e mínimo de 02 (duas) páginas.

Parágrafo único. Todos os textos devem ser enviados em formato .PDF.

Art. 4º. A Comissão confirmará o recebimento de todos os e-mails enviados nesse período, a fim de confirmar a inscrição.

Art. 5º. A Comissão divulgará o resultado até o dia 30/10/2017, na página do Facebook da Academia e por e-mail aos selecionados.

TE

XTO

S

Chovia lá fora. Eu, como de costume, tinha que me dirigir ao trabalho. Já havia se passado o tempo de aula e, eu estava no almoço. Não comi nada naquele dia.

Dez para uma, era chegada a hora.

Dirigi-me à porta, toquei a maçaneta, todavia, do nada, hesitei. Voltei, os amigos conversavam. Em instantes, a conversa já virava discussão - como sempre - e, a chuva só aumentava.

Entrementes, não havia mais tempo - nem mesmo para pensar em orar pela prova do dia seguinte - muito menos, para continuar estimulando a briga. O mundo, lá fora, me chamava. Algo ia acontecer. O destino nos reservava uma missão.

Abri a porta, dei o primeiro passo, e, de súbito, parei. Olhei!

A sensação de êxtase me tomou conta. Contemplava o que eu mais temia. O jeito era segurar a gravata da sorte.

Por trás da roupa, tremia. Não havia previsto aquela situação. Tanto treinamento, tantos estudos, tantas recomendações por mim mesmo feitas... E, eu estava ali, naquela circunstância, inesperada. Um vazio. Um desejo.

As coisas em volta, aquela multidão de gente, de vozes, de alaridos... Porém nada, além dela, havia no campo de visão, nenhum detalhe novo me chamava atenção.

Segundos depois, ela também olhava e, sutilmente - tímida - sorria. Mesmo com todos os aforismos de Nietzsche sobre o amor, lidos e relidos, nós estávamos ali. Repentinamente parados, pelos nove segundos mais demorados.

Somente eu, meus segredos e ela. O motivo dos maiores devaneios, e de todas as noites mal dormidas. No olhar dela, um infinito celeste.

Seu nome? Vida!

Uns dias atrás me chamaram de doutor. O dia que todo estudante de Direito aguarda ansiosamente. Foi engraçado.

Estou muito longe de me formar, mas é muito interessante como as pessoas levam outras a sério só por estarem de terno. E é ainda mais interessante como nós nos levamos mais a sério só por estarmos de terno.

Eu não sei de praticamente nada e me chamaram de doutor. Engraçado e um pouco perturbador em ver como as aparências funcionam. Mas não é só isso, não.

Quando digo que já li Marx, chamam-me de comunista e expressam espanto. Digo que já li Adam Smith e me chamam de "liberalzinho" sem nenhuma preocupação social.

Quando digo que discordo de alguma pauta feminista, chamam-me de machista, opressor e retrógrado. Digo que concordo com alguma pauta feminista e me acusam de estar fazendo isso para agradar as mulheres, buscando algum objetivo com isso.

Quando digo que sou contra a redução da maioridade penal, colocam-me à esquerda. Digo que sou contra a legalização das drogas e me colocam-me à direita.

Aos meus olhos, dada a situação que vivemos no país, essa taxação arbitrária é positiva: percebo que caminho pelo centro, sempre ponderando e nunca indo cegamente em direção a apenas um lado. Aos olhos deles, sou tudo menos o que, de fato, sou. Ledo engano.

Quando disso me apercebi, tudo ficou cristalino como a água. Em 19 anos de vida eu já havia sido, no mínimo, três pessoas diferentes: como os outros me veem, como eu acho que me veem e quem, de fato, sou.

Agora, digam-me: queremos que os outros conheçam quem realmente somos? Acredito que não. O parecer ser tornou-se elevadas vezes mais importante - e talvez necessário - do que ser.

Por isso digo o seguinte, e nada mais que o seguinte: quer liberdade? Apenas seja.

"Quem decide um caso sem ouvir a outra parte não pode ser considerado justo, ainda que decida com justiça", diria Sêneca. Foi a partir desta citação que decidi como agiria - sendo marinheiro de primeira viagem, navegando pelo caminho das urnas - frente aos candidatos à Prefeitura e à Câmara Municipal. Dito e feito. Lendo e analisado as propostas de todos os candidatos, cheguei a meras duas conclusões. Três, na verdade.

A primeira, um tanto subjetiva e que trata, de uma forma filosófica, se me permitem o uso do termo, do que entendo ser a política: há de se ver sob a luz da ilusão o que querem que seja visto; poucos - os interessados no assunto - visualizam a penumbra; a sombra, ah, a sombra... apenas os que a habitam sabem o que de fato ocorre. O teatro mais bem armado, infundável e mutável já concebido pela humanidade.

Já a segunda, um tanto melancólica por sinal, trata de toda a importância fantasiosa que é dada às nossas atitudes como indivíduos em uma sociedade: o melhor presente que todos nós podemos dar à humanidade é uma passagem mais que breve pela Terra. Ou seja, quanto menos de nós, seja nas ações consideradas morais, éticas e cívicas (como o voto), ou nas ações que repudiamos, condenamos e batalhamos contra, melhor para o mundo. O ser humano não merece essa casa que nos acolhe perfeitamente.

A terceira, por fim, é que percebi que sou uma pessoa de pouquíssimas convicções e, verdade seja dita, tenho medo de tê-las. Inveja-me sobremaneira aqueles que defendem uma posição, seja de que lado for, com tanta veemência e certeza, como se conhecessem a verdade por completo. Não tenho essa capacidade. Por mais que eu leia, corra atrás, pesquise, navegue por todos os mares, sinto-me sempre desinformado, impotente e enganado.

Fico espantado em perceber que ser uma pessoa decente, hoje em dia, prefigura uma virtude: deveria ser algo inerente a todo ser humano. Chega até a ser cômico, para falar a verdade. O mundo anda tão desamparado, tão desencantado que quando vemos uma boa ação somos quase obrigados a glorificar aquela criatura cuja decência é tão admirável - isso quando ela não é julgada por tal ato. Compaixão. Amor pelo próximo. Abnegar dos próprios interesses, saber entender a dor do outro é o que mais carecemos atualmente. É algo que precisa ser lembrado diariamente para que possamos deixar de ser, pouco a pouco, uma sociedade tão individualista. Acredito, sim, em um mundo

onde os bons são maioria, mas o que mais me preocupa é o silêncio deles, como diria Martin Luther King.

Realmente, um teatro infundável. Aguardemos o próximo ato. Enquanto isso, continuo sem saber para quem darei meu voto. Que você consiga se sair melhor que este escritor de mais uma publicação política de Facebook, capaz de mudar o mundo. É o que dizem.

Naufrágio.

De tanto ouvir os outros
Mas nunca ser ouvido
Acabou por ficar tão perdido
Que perdeu seus ouvidos

De tanto conhecer os outros
Mas nunca ser conhecido
Clamou para o desconhecido
Para que domasse seus demônios

Por isso, desejar-te-ei nada mais
Apenas uma amizade perfeita
Onde amigos serão por si mesmos

Passageira e breve jamais
Mas com a atenção de uma colheita
De cujo fruto todos nós precisamos

Todos os dias haviam voltado à normalidade. As pessoas não protestavam mais. Nenhuma bandeira era empunhada nas ruas. Os megafones restavam silenciosos e seu uso habitual nos carros que ofertavam frutas e doces parecia débil. Até impróprio diante dos dias memoráveis.

A turba ensandecida recuperara o juízo. Os inconformados de tão perplexos com a situação nacional, pareciam resignados. Os entendidos sabiam que era desalento, não condescendência.

Pequenos grupos tentavam mostrar suas posições. Ganhar espaço. Ocupar as ruas antes compartilhadas pela nação. Conquistar fôlego e terreno para suas reivindicações. Mas os ecos antigos abafavam essas mobilizações, ofuscavam seu brilho.

Nessas circunstâncias, alguns fenômenos podem ser notados.

Algumas pessoas, ressentidas pela falta de vozerios e palavras de ordem urradas aos quatro ventos, brotando de vários lugares da cidade e convergindo para os grandes centros, esperavam ansiosas. Aguardavam movimentos espontâneos de seres interligados, capazes de interagir de modo quase simbiótico em busca de um bem maior coletivo.

Essas pessoas, a cada apito mais alto, a cada grito de megafone, voltam a sentir o *frisson* da época em que a força motriz da história parecia girar implacável rumo ao futuro.

Outras pessoas, que detestavam as passeatas, carreatas, apitaços, panelaços, e que vociferavam contra os agitadores, e rompiam relações com amigos, conhecidos, parentes, essas respiravam relativamente aliviadas. Mas é verdade que a sequência alucinante de notícias em qualquer meio trazia inquietação quase constante. O suspense as rondava e angustiava.

Esses, a cada grito, ainda que ininteligível, a cada buzina mais alta ou som de corneta, sentiam a pulsação aumentar, o suor brotar e o pavor aflorar.

Completando o quadro, os que permaneceram neutros quanto às manifestações, tendiam a oscilar entre a saudade do que não compartilharam e à ojeriza do que não temeram.

Aqui não se pode esquecer o grupo pequeno porém notável de líderes e políticos, alvo dos debates e convulsões sociais. Parecem agora dedilhar instrumentos invisíveis e inaudíveis que voltaram a controlar a todos, soando tal qual música que faz

adormecer as feras. Cada dia parecem mais satisfeitos com o milagroso apaziguamento notado paulatinamente.

As manifestações para eles fazem parte de um sombrio devaneio libertário, já deixado para trás e irrepetível. Para a sorte deles.

Para um observador atento, o cenário parecia tranquilo e perturbador. Uma antítese sociológica. Um aparente paradoxo político. Como uma nação chocada por escândalos, abalada por crises seguidas, permanece inerte a despeito de tanta agitação anterior? Teria o projeto de um novo país sido grande demais? Irrealizável? Abstrato e utópico? Ou talvez faltasse compreensão sobre o que se pretendia, os meios disponíveis para tanto e os desdobramentos diversos possíveis?

Talvez não falte força ou coragem para soar os apitos, tremular bandeiras, marchar contra a opressão e imoralidade, cobrando direitos, reformas e melhores condições para todos.

O que talvez falte seja resistência suficiente para enfrentar consequências não tão claras e previsíveis advindas das mobilizações.

Cessar a perturbação silenciosa e retomar a calma renovadora. Em vez de simplificar, mais dois aparentes paradoxos como eventual meta. É isso que acontece na falta das manifestações.

Sento-me agora e contemplo tudo o que existe ao meu redor.

A caminhada prostra-se como longa... foram duas semanas no plano físico, ainda assim, não se pode compará-la à extensa jornada espiritual.

Os olhos lançados ao luar e a mente ao infinito, posso finalmente voltar a divagar.

(O tempo transfigura-se em mera atemporalidade)

Conheci muitas pessoas durante a trajetória que me levou a refletir sobre esse debate - ou embate - de ideologias e acontecimentos acerca das confusões e anarquia provocadas pelo raciocínio humano em sua plena (in)capacidade, dotado da extrema ausência de faculdade mental. Sendo assim, começo a formular meu pensamento baseado na seguinte pergunta: “O que difere a ideia de empatia e tal sentimento em si?”.

Bom, é mister começar com o conhecimento geral e construção social que constituem tal conceito. “Empatia” pode ser definida como a capacidade de se colocar no lugar de terceiros e, conseqüentemente, sentir e entender o que e como se comportariam em tal situação. As pessoas que não possuem tal característica inserem-se no rol da sociopatia.

Cotidianamente, a ideia empática verifica-se como aquela que recai sob o imaginário popular. Pense e coloque-se no lugar de outrem e comporte-se de maneira solícita. Mas, quantos indivíduos possuem tal pura capacidade e quantos agem de acordo com tal coação invisivelmente imposta pela sociedade com receio de serem descobertos e “atacados”?

Versa-se, então, por essa segregação. Há a empatia artificialmente constituída e alicerçada por mentiras, lorotas e o pleno sentimento irmão do que quiçá ainda possa ser chamada de compaixão.

Chega a ser cômico - para não se delimitar de forma pior - a forma à qual diversos personagens de Machado de Assis, como Brás Cubas, Bentinho e, em contrapartida, o louco são Simão Bacamarte, respectivamente representam essas duas extremidades entre a “ideia” e o “sentimento”.

O gênio já estava muito além da crítica social e burguesa, ainda mais porque era e estava na presença de burgueses, mas tal concepção e estigmatização foram relevadas durante a análise de sua obra. Existem pessoas que conseguem realmente entrar e

compreender a alma e psique do ser humano. Machado de Assis era um desses indivíduos.

Um caso interessante, porém, instigou-me a não tomar posições dicotômicas e adotar novas perspectivas. Caso esse inserido na cultura e literatura russas e, não estamos falando de Alióchas ou Bezukhovs, mas de Raskolnikovs. Tal personagem que se mostra como um exímio portador da ideia empática no começo de “Crime e Castigo” e, conforme, o romance se desenrola começa a mostrar - ou desenvolver? - o verdadeiro sentimento empático ao qual mencionei previamente.

Cita-se, de maneira conseguinte, as correntes filosóficas que também se inserem na busca e relacionam-se com o conceito empático, como o existencialismo e o niilismo, que marcam o caractere social e vital para tal discussão, distinguindo-se do epicurismo e estoicismo que, ao meu ver possuem um caráter unilateral e individual que, independentemente de suas qualidades e defeitos, não estão aptos a permanecer em tal debate.

A filosofia é algo cruel e individualista em seu âmago e, por mais generalista, que tal afirmação pareça, não carece de qualquer hipocrisia. O filósofo precisa de uma mesa, um lápis, um papel e, principalmente, de uma janela fechada para elaborar e constituir seus ideais, sua *práxis* em si.

Termino, por instância, e volto a levar à vida minha missão em busca da diferenciação entre tais concepções.

(Segunda parada)

O ser humano é um verme hipócrita.

Vocês já pararam e se perguntaram quantas vezes já mentiram consigo só hoje ou até mesmo repetiram mantras ou frases que já se encaixaram e se sedimentaram no vocabulário popular?

“Eu sou humilde” - Um paradoxo em si, a pessoa modesta não reconhece sua própria qualidade.

“Não ligo para o que você pensa” - Repete-se e enaltece a mentira, apenas a premissa de pronunciar tais palavras já aponta e menciona como a pessoa deu significância ao que lhe foi dito. A prova? Conscientemente e até subconscientemente, a capacidade e simples vontade em proferir tal frase já promulga tal sentença paradoxal.

Mas o que desejo dizer com tudo isso?

Meu objetivo é mostrar até onde a natureza humana consegue caminhar e como o saber popular vislumbrado, além de ser arcaico, é eminentemente falho. A nossa própria língua, à qual habitamos, clama por mentiras.

Mas o que forma uma língua? É um ciclo. Desde a simples comunicação entre emissor e receptor até outros alvos, formas e maneiras de transferir conhecimentos ou passar a cultura de uma era à próxima. Sendo assim, é perceptível o vício que carregamos de gerações passadas que se tornam mais insolúveis a cada momento.

Nos alimentamos de histórias e escondemo-nos atrás de frases e nomes para nunca possuímos a “mentira” ou sermos contestados. O ser humano é uma mera charada ambulante com sua ideologia torpe.

Mas ainda não é hora de falar de ideologias.

Talvez um dia nos tornaremos completamente livres desse vicário manto que carregamos. Esse sudário que cega-nos dia após dia.

Volto a caminhar, mas deixo a minha mensagem momentânea: “se desconstruirmos tudo o que foi construído e não aproveitarmos os alicerces do passado, mesmo que injuriosos, mesmo que bizarros. Como iremos caminhar além da selva de destroços”.

(Terceira parada)

Foi uma extensa tempestade de areia.

Mas finalmente cheguei.

O que move os seres humanos além de suas crenças ou ideologias? Ou seriam esses os motivos que os levam a viver e aguentar a vicária existência humana?

A ideologia está em todos os lados e lugares. Na sala de aula, na pichação, na briga entre pais e seus filhos. Ela é um dos artifícios necessários e inerentes ao comportamento de todos os entes conscientes.

Ela é classificada entre o certo e o errado. Como se delimitam tais conceitos? O que é moralmente certo para uma pessoa pode se diferir em relação à outra.

Percebe-se, então, que as ideologias são compostas entre aceitar e incorporar certos ideais.

Mas e quando os sujeitos são tomados por suas próprias mentiras ideológicas? Ou aceitam o que lhe foi dito sem ao menos questionar? Esse é o maior problema da ideia. Em casa, ensina-se a ideologia X, na escola mostra-se que o certo é o Y. São duas vertentes que estão fadadas a se odiar, em seus alicerces possuem apenas duas semelhanças atemporais: tem que se repugnar o que não é idêntico e aceitar o que lhe foi apontado.

Justamente, por isso, no infame século XXI, conseguimos ver tantas pessoas que clamam por imparidade, mas quanto mais pedem, mais medíocres se tornam. É o surgimento dos religiosos ateus, dos heterossexuais homossexuais e dos libertários comunistas.

Tomam seu placebo e mergulham em *think-tanks* financiados pelo governo de “direita” ou de “esquerda”. Que diferença faz?

A questão não é ficar em cima do muro - só os mortos ficam restritos a tais conjecturas - o ser humano nunca foi um ser humano. Ou seria tão dantesca detestável por ser um humano?

Ontem não foi, nem hoje, muito menos será amanhã. Tal tempo nunca fora tão superficial e incomensurável. A nossa raça sempre teve e terá uma importância: ela quer estar certa em um mundo onde não há veracidade. É o medo e a retaliação opostos ao que outrem tem a dizer, pois bem, nunca fora tão importante escutar ao próximo.

A única conclusão deste breve devaneio, outorgado em um mar de mentiras é que:

Não se pode caminhar unicamente pela sombra ou luz. Essa é a vida. Esses somos nós. Os falsos donos de nossos próprios mundos, a visão deste que possuímos e o que acreditamos são embasados em acontecimentos gerais e genéticos. Somos meramente folhas ao vento, sendo levados pelo sopro de tal.

Abriu-se uma fenda no universo
E da cicatriz estelar sangrou
Um por do sol, preso no infinito
Ardendo apaixonadamente em tons de carmim
Vácuo eterno de toda beleza
Em um momento retirado do mais puro ponto do cosmo elevado
Cujo adorno é um turbilhão de estrelas no olho do mais intenso furação estelar
brilhando eternamente em índigo radiante
Do qual nem Deus, nem mortal é capaz de escapar...
Tal momento veio a Terra
Parou diante de todos
Reduzindo todo entendimento humano a zero
Toda teoria estilhaçada
Será Deus?
Ragnarok?
?
Ninguém sabe
O que se sabe é que tal sensação
Única
Foi percebida por todos
Tudo parou
Tudo
Parou
Com uma simples exceção
Eu
Não parei
Pois a curva dos teus lábios quando você sorri
Não me deixava olhar pela janela

Disse que me amava demais
mas focou na palavra errada
fosse o verbo, o pretérito se faria presente
e presente ela seria
e per se viraria pleonasma
entre tanta repetição de amor
mas no advérbio se fixou
o motivo da sentença
(mesma que sentenciou o fim)
e uma vida se perdeu por um erro de vocábulo
ou um excesso de sentimento

o pão adormecido
o café requentado
o ovo cozido
alinhavava

a noite mal dormida
o tráfego congelado
o corpo doído
alinhavava

o estresse adquirido
o cansaço engolido
o fim esperado
alinhavava

o sonho frustrado
o amor esquecido
a vida mal levada
alinhavava

e cobria-se com a sádica
colcha de retalhos

Não era o grego e a troiana
não gerou inspirada Ilíada
ou a próxima (nova) Epopéia
não havia o risco
ou espaço para trama e erro
não valia o canto
oposto à abstração: ríspida realidade
da rotina, da desilusão
nasceu do verbo - sólido
e permaneceu no campo da realidade
cresceu e desenvolveu-se
no cronograma
a invejável imutabilidade dos contos
nem almejava possuir
permanecia fluído, questionável
mas superava Helena em grandeza
era profundo
real

Respira

Expira

Em cada memória

Vive

Reluta

Nega inexistência

Corta

Insiste

Resiliente, sobrevive
em constante batalha

Para o real

(Bom ou mau)

permanecer

Eterno

Foi há muito tempo. Muito tempo, mesmo. Talvez, agora, fosse até melhor esquecer. Mas, se esquecesse, não poderia contar essa crônica, como admirador secreto que fui.

Fofoqueiro? Talvez... Ora, que seja fofoqueiro, então!

Cinco para as nove, manhã de um 15 de agosto. Em pouco tempo, o inevitável aconteceria. Desgosto!

Na noite passada uma mulher, e três, dos seus quatro filhos, fugiram de casa, e se abrigaram sob os cuidados do sempre solícito e galanteador Dilermando.

Ah, o Dilermando... Um pândego! Quisera eu ter a vida dele!

Tinha um sorriso eterno, como poucos. As mais belas do bairro o desejavam.

Era ele militar. Vaidoso e metódico, tinha um bigode, cuidadosamente, aparado. Ia, duas vezes por semana, na Barbearia do seu Vittorio, tomava um café, e lia seu jornal.

Era, também, um sortudo o Dilermando. Por duas vezes, ganhou a loteca do ano, e chegou a comprar a casa mais pomposa de Piedade.

Já não era a primeira vez que eu aproveitava - enquanto uma das portas estavam entreabertas - e entrava. Ficava ali escondido, de olhos e ouvidos bem atentos - admirado com as ilustres visitas, espiando a que primeiro acordasse e fosse tomar banho - como um bom “voyeur”.

Era aquele, porém, um dia morto. Todos dormiam, e fazia frio. O recinto, lentamente, permitia que um pequeno feixe de luz atravessasse as cortinas, que balançavam como que, sublinaramente, anunciando - naquele domingo chuvoso, e nublado - que a história de nosso bairro seria, eternamente, marcada por um encontro.

Enquanto isso o outro, vagorosamente, se aproximava, obnubilado, pela sede de vingança. Provavelmente, havia perambulado rua afora por toda a noite, com aquele inócuo Smith & Wesson, calibre 22.

Era este, também, conhecido por todos. Engenheiro, militar, romancista, jornalista e escritor, se dizia imortal, homem das Letras. Um ser notável, mas que não resistiria ao ímpeto carnal de sua esposa que, - hoje, sei - o tinha trocado por Dilermando, e por isso, ali estava com sua prole.

Ao chegar, aquela alma entrou sem bater. Dirigiu-se ao quarto principal, ao final do corredor. Seu semblante transparecia embriaguez, mas na realidade, era só dor.

Engatilhou o revólver, entrou. Para ele, um “matar ou morrer”, conforme proclamou.

Mira, e descontrolado, atira. A bala - mais impulsionada pela cólera daquela alma errante, que pela pólvora - atravessa todo o quarto, e retine no penico há pouco usado, que pousava sobre o criado - mudo, com tampo de Carrara.

Por detrás da porta, - ainda arribando as ceroulas - meu astuto vizinho.

O que Dilermando deu para ele, em contrapartida, foi uma externa, interna e eterna lembrança.

Como era sortudo o Dilermando! Prevenido, tinha seu Colt 38 sempre por debaixo do travesseiro, pronto para uma “legítima defesa”.

Foram seis lembranças.

Um... dois... três! O primeiro, na barriga. O segundo e o terceiro, de raspão. Já o quarto e o quinto atravessaram o braço e as costas.

O adversário, sangrando, tentou fugir pela casa, e chegou até a varanda, mas não aguentou e, vacilante, caiu. Rastejou. No sexto - o de misericórdia - Dilermando permitiu que dissesse suas últimas palavras. E ele disse, agonizando, mas num rosnar arrogante, enquanto a chuva apertava: “Odeio-te!”.

Afinal de contas, sangrava por fora mas, principalmente, por dentro. As cicatrizes que mais doíam, naquele momento, eram invisíveis.

E, veio o sexto. Mas, que importa? Hoje, deveras sei que tem ele, para nós, como imortal sua alcunha, mesmo após estes 108 anos.

Um brinde a você, deste eterno voyeur e testemunha, meu grande e eterno Euclídes da Cunha!

I-

Não fosse o teu ateísmo
tão convicto,
pelos astros e tarôs eu me orientaria
para te dizer
se está tudo acabado
ou se apenas agora
se inicia.

II-

Quando passas por mim
e finjo que não te vi,
tenha certeza:
não te esqueci.

III-

Não fossem seus belos versos
encantos
e afetos,
não teria me entregado
ao incerto.

IV-

Não fosse o céu de São Paulo
nublado
as estrelas e a luz do mar de Santos
nos guiariam.

V-

Inevitável
trágico

e saudoso
era o fim.

VI-

Não me iludo
estou quase certa
de que esses são
os últimos versos que te escrevo-
e os faço em homenagem ao
engano.

convoca-me a poesia

busco redenção

Kafka estava certo.

Fazia tempo que ela não o via. Afinal, foram seis meses que ele passou fora do trabalho, por conta de um afastamento médico. Mas quando ele voltou, foi como se nada tivesse mudado. Sua presença sempre seria a alegria daquele escritório.

Bom, pelo menos para ela.

Ela deixou que os demais colegas o cumprimentassem primeiro e foi para a sua mesa terminar o trabalho. Na verdade, ela se afastou porque não sabia exatamente como estava a relação dos dois. Eles costumavam ser bons amigos e os melhores profissionais daquele escritório (modéstia era uma palavra que ambos desconheciam. Ela, por ser perfeccionista demais, ele por ser esnobe.). Mas o fato era que as melhores campanhas publicitárias da Golden Finger haviam saído de suas mentes. Muitas vezes em conjunto e algumas vezes individualmente. A relação deles era baseada na cooperação no trabalho e na diversão fora dele: ela sempre era o alvo das piadas dele (e nem sempre ela era muito fã disso.).

Tudo mudou quando eles se despediram. Pode ter sido o momento mais inoportuno para aquilo mas timing nunca foi o forte da relação deles. O escritório estava vazio, com exceção dos dois e de uma faxineira com fones de ouvido. Ele reuniu toda a sua coragem e foi até a mesa dela. Disse que sentiria muito a sua falta. Não como sentiria falta de uma amiga, porque ele gostava dela como mais que uma amiga. Sim, ele sabia que ela estava comprometida mas ele não saberia como seria a operação e, caso algo desse errado, ele não poderia partir sem ter dito isso a ela.

Um milhão de respostas passaram pela cabeça dela. "Você não vai morrer. Você não pode morrer!", "Por que você está me dizendo isso agora?", "Há, você só pode estar brincando!". E a mais verdadeira delas que era: "Sim, eu estou comprometida, mas sinto o mesmo por você."

Porém, ela não disse nada. Ficou estarrecida, observando o homem que ela gostava dizer adeus e ir embora. Ela não conseguiu nem se despedir.

Agora, ela observava ele vindo até a sua mesa. Tentou manter a compostura e a concentração pois afinal era um ambiente de trabalho. Foi mais fácil do que ela imaginava manter essa postura. Ele veio até a sua direção e os dois começaram a conversar como nos velhos tempos. Ela fez um breve resumo do que tinha acontecido sem ele na agência (não muita coisa, era ele quem fazia a diversão por ali), ele a

parabenizou pela nova campanha de sucesso, da qual ela era coordenadora e ele fez algumas piadas das quais ela riu e outras das quais ele não riu.

Tudo parecia normal. Até que antes de ir embora, ele abaixou o tom de sua voz e se inclinou para falar com ela, que podia sentir seu coração batendo mais rápido.

"Me desculpe pelo que eu disse antes de ir embora. Pode até ter sido verdade na época, mas depois desses seis meses que passei afastado sei que não deveria ter dito aquilo para você. Eu adoro você, mas respeito seu namoro e nunca tentaria nada romântico com você."

"Ah" ela respondeu dessa vez "Que bom. Porque eu e meu namorado continuamos juntos."

"Fico feliz em saber. Enfim, só queria que você soubesse que isso foi completamente superado. Agora, podemos voltar a ser amigos e colegas?"

Ele estendeu a mão na direção dela e ela prontamente aceitou.

"Claro. Como nos velhos tempos." Ele sorriu e foi para sua mesa.

Ela suspirou ao vê-lo ir embora. Não que ela não gostasse de seu namorado: era um cara legal, fofo, gentil que a tratava muito bem e fazia de tudo para fazê-la feliz. Mas ele não era como o outro. Não fazia as mesmas piadas, não fazia um café horrível de manhã mas que se você esperasse para tomar a tarde até que não ficava tão ruim. Não dançava pela agência quando fechava um contrato e 90% das vezes a chamava para dançar junto. E o mais importante: seu namorado não a compreendia tão bem porque não a conhecia há tanto tempo. Não sabia que das oito as dez da manhã era o pior horário para falar com ela porque ainda não tinha sido o café da manhã e que depois do almoço era o melhor horário porque ele estava de bom humor depois de comer. Não sabia que ela detestava ervilhas e que organizava todos as suas campanhas e até seus prêmios publicitários em ordem alfabética.

Eram essas pequenas coisas que faziam que ela gostasse dele. Mais do que um cara alto e bonito de olhos azuis, ele sempre foi e ela esperava que continuasse sendo seu companheiro.

Ela queria ter dito isso para ele. Que sua vida sem ele seria incompleta, que ela seria capaz de terminar seu namoro só para passar mais tempo com ele. Afinal, sem ele ela não era ela mesma.

Mas, novamente, ela não disse nada.

*“Navegué por aguas desconocidas,
He perdido el sentimiento del medo,
Sigo buscando la Ciudad Perdida,
Donde encontraré el significado de la vida.
Dijeron que hay paredes cubiertas de oro,
Que el cielo es azul como turquesa.
La ciudad que ningún hombre encontró,
Por las tierras que Dios se olvidó.
Unos dicen que el lugar es maldecido,
Otros que es el propio Paraíso...”*

Esse foi o trecho encontrado em um velho papiro, enrolado e depositado dentro de uma garrafa. Isso é tudo o que se sabe sobre Don Rodrigo de Avellares, o solitário explorador espanhol. Os destroços de sua nau, *“El Rocinante”*, foram levados para o museu de História Natural de Madrid, porém, nada mais se descobriu sobre este homem ou sobre sua misteriosa missão. Até agora.

Em uma de minhas viagens pela América Latina, descobri um sujeito que era parente muito distante de um dos membros da escassa tribulação do *Rocinante*. Era um homem já idoso que adorava contar as histórias de seus antepassados, os quais se referia por *“los grandes hombres”*. Em uma tarde quente do verão colombiano, ele me contou toda a trajetória do cavalheiro que buscava encontrar a cidade perdida de Eldorado.

O senhor, que se chamava Gabriel, me contou que Don Rodrigo era um homem nobre na Espanha, que possuía bens e riquezas, sem mencionar o ótimo relacionamento que mantinha com a Coroa. Não era um sujeito de muitas ambições, de acordo com o que Gabriel me contou, era até mesmo uma pessoa bastante acomodada. Como já possuía dinheiro, companhias e uma vida digna, Don Ricardo não tinha nenhum objetivo concreto para a sua vida, nenhum sonho que pretendia realizar.

Um dia porém, Don Ricardo acordou com o desejo insaciável de ficar sozinho. Dispensou todos os seus criados de

seu palacete, desmarcou todos os seus compromissos e reuniões e passou o dia inteiro fechado em seu quarto. Como não tinha esposa nem filhos, a casa ficara vazia o dia todo. De sua câmara, o homem ouvia poucos ruídos do mundo exterior, apenas o barulho das caleches que passavam pela rua e o som exaltado de algumas conversas aleatórias. Don Ricardo se sentiu muito bem naquele dia, sem preocupações ou aflições. Começou a achar que estava delirando, porém, nunca em toda sua vida se sentiu tão são quanto naquele dia. As horas passavam devagar, ele aproveitava cada minuto, cada segundo, se perdendo em devaneios e ideias mirabolantes, em sonhos e delírios que nunca existiriam caso estivesse na companhia de alguém. Fora uma experiência transcendental. Naquele silêncio total, Don Ricardo imaginava cenas que nunca aconteceram em sua vida, eventos que gostaria de ter presenciado, palavras e afirmações que gostaria de ter dito em certas ocasiões, que na hora lhe faltara coragem ou oportunidade. A vida naquela solidão era muito mais interessante e intensa do que a vida real. Tudo era possível, nada era previsível, todas as possibilidades lhe estavam disponíveis. Aquilo sim era a vida para Don Ricardo, uma vida que poderia ter acontecido.

Passados três dias, as pessoas começaram a se perguntar do paradeiro de Don Ricardo. Boatos surgiram nas ruas sobre o homem louco que vivia no cárcere de seu quarto. Os amigos mais próximos de Don Ricardo o visitavam, esperando conseguir arrancar do homem alguma conversa casual, porém isto já não era mais de seu interesse, pois o homem já não desejava mais viver em sociedade. O engraçado era que, mesmo que Don Ricardo não apreciasse mais a vida social, a integração com outros seres humanos, ele ainda assim não poderia ser definido como “selvagem”, apelido depreciativo que havia ganhado de alguns de seus vizinhos. Não, ele não era um selvagem, era apenas um homem peculiar. Aos poucos, mais pessoas foram se interessando mais pelo caso em particular, o caso do homem que enlouquecera de vez, o lunático encarcerado. Sua janela, sempre fechada, que dava para a rua, virara uma atração turística, era como se fosse aquela janela em que o Papa aparecia ocasionalmente para dar sua benção sobre Roma. Os ruídos no quarto de Don Ricardo aumentaram, agora as pessoas gritavam seu nome, jogavam pedras em sua persiana e davam risadas de sua esquisitice. O silêncio já não dominava mais sua vida, era preciso fugir.

Depois de pouco tempo após virar uma celebridade, Don Ricardo decidiu que iria se mudar, iria finalmente deixar Madrid. A saída de seu quarto provocara um grande alvoroço na população madrilenha,

e vários boatos começaram a surgir logo após o anúncio de Don Ricardo de que todos os seus bens estariam à venda. Uns diziam que o cavalheiro iria se mudar para Salamanca ou Valladolid, para lecionar nas universidades, outros diziam que Don Ricardo iria se isolar na região de Andaluzia. O que todos sabiam era que o homem sairia de Castilla-Leon para nunca mais voltar.

E foi exatamente o que aconteceu. Don Ricardo se mudou para Cádiz e lá comprou uma embarcação e contratou uma pequena tripulação de quatro homens, dos quais um destes era parente de Gabriel. Foi dito aos marinheiros que o nobre espanhol estaria a procura da cidade perdida de Eldorado, Don Ricardo realmente havia lido relatos sobre aquela civilização escondida, em um de seus dias de isolamento. O interesse por Eldorado surgiu em um de seus sonhos, em que ele teria visto a cidade dourada completamente vazia e cintilante. Era um lugar realmente inspirador, calmo e belo. Assim, surgiu a primeira e maior ambição no coração do espanhol: encontrar a cidade perdida de Eldorado e ali passar o resto de sua vida.

Don Ricardo reuniu sua tripulação e lhes revelou seus planos audaciosos. Os marinheiros, que eram todos muito jovens e ingênuos, ouviram com entusiasmo a missão que lhes era dada e aceitaram no mesmo momento. Todavia, o capitão da expedição deixou bem claro que desejava permanecer sozinho o tempo inteiro, sendo que de manhã e de noite ficaria em sua cabine e que no fim da tarde gostaria de ficar sem companhia nenhuma no convés do navio. Sob esses termos, *El Rocinante*, uma pequena caravela portuguesa, partiu rumo à uma longa e silenciosa jornada.

Conforme me foi contado, os primeiros dias da viagem foram tranquilos, sem tempestades ou qualquer outro contratempo, porém, ao chegarem perto da costa brasileira, o navio enfrentou diversas turbulências que arrancaram o silêncio da tripulação. Foi uma luta constante daqueles homens contra as forças da natureza.

Depois de meses no oceano, o *El Rocinante* finalmente aportou em terra firme, na costa da Colômbia. Se sabe desses fatos, pois um navio de comboio espanhol avistou a caravela de Don Ricardo aportado naquela região. Relatos indicam que o marinheiro espanhol a bordo do comboio foi investigar o *El Rocinante*, porém não encontrou nada dentro da embarcação. Era como se aquela tripulação tivesse vindo para América para ali ficar para sempre. Essa foi a última vez que a embarcação de Don Ricardo fora vista.

Alguns anos depois, um brigue francês resgatou três marinheiros que estavam à deriva no mar. Os homens contaram que seu navio havia naufragado fazia uns quatro dias, e desde então estavam à deriva nos destroços, acreditando que a morte seria inevitável. Quando os náufragos contaram o nome de sua embarcação, na mesma hora os franceses reconheceram que se tratava da nau de Don Ricardo, o louco solitário. A história do explorador espanhol, contaram os franceses, ficou famosa e foi contada em toda a Europa, e todos se perguntavam qual teria sido o destino daquele cavalheiro lunático. Os tripulantes do “*Rocinante*” então relataram que chegaram a pisar em terra firme, adentraram nas entranhas da floresta em busca de Eldorado, porém seu capitão desaparecera logo no primeiro dia de expedição, levando consigo seus mantimentos e deixando para trás um rascunho de um mapa para seus homens. A tripulação relatou uma tentativa de resgate do capitão frustrada e também a perseguição que sofreram de selvagens, levando-os a partir com o navio, abandonando Don Ricardo naquela terra desconhecida.

Gabriel me contou aquela história de maneira tão detalhada que parecia que ele mesmo presenciara todos aqueles eventos. O fim que levou Don Ricardo é desconhecido, e nem se sabe se o homem chegou a encontrar a cidade perdida que tanto procurava. O velho me contou sobre relatos de pessoas que juravam ter encontrado um homem branco sozinho na mata densa, vestindo adornamentos de ouro e vestes estraçalhadas. Gabriel porém não acreditava naquelas histórias, pois como havia me dito, o ouro não interessava a Don Ricardo, o que mais desejava ele encontrou. O silêncio.

Minha conversa com aquele senhor entusiasta estava toda documentada. Iria voltar para casa com um material inédito sobre as façanhas de Don Ricardo de Avellares. Agradei pela história e pelo café e parti da Colômbia naquela mesma tarde. Durante toda a minha viagem fui refazendo o caminho de Don Ricardo em minha cabeça, tentando entender suas ações, mas o que não deixou meus pensamentos nem por um momento foram as últimas palavras que Gabriel me falou naquela tarde:

“El hombre blanco trajo muchas enfermedades para nuestro mundo, como el cólera, el tifo y la viruela. Pero ninguna de estas enfermedades es tan cruel y tan mortífera como la maldición que Don Ricardo trajo: la soledad”.

Quando aquela mão enorme entrou pela sala de cinema, alguns dos espectadores, com seus óculos 3D, até se paralisaram em um repentino jogo consciente entre as explosões espaciais que saíam da tela e as pontas dos dedos de Clarissa. Não que tivessem pensado em uma suposta experiência de um 4D absurdo e surreal, mas a nossa mente leva um tempo até normatizar o fantástico. Como em um tropeço, dos centésimos de segundo em que perdemos a consciência, do estado vertical até a queda, me dou conta da queda após a queda. Assim surgiram as mãos de Clarissa, depois de terem expulsado os funcionários do Cine Marabá, em um misto de polidez e alguma selvageria, típica das meninas maltratadas pelos homens ao longo da vida (o carrinho do pipoqueiro, em um safanão repentino, foi aos ares), bem, assim surgiram aquelas mãozinhas delicadas de menina rica pela porta central da sala 1, onde eu estava com minha nova namorada, cujo nome não revelo, mas a quem dedico este breve conto. Assistíamos *Transformers: O Último Cavaleiro*, uma fita sobre a qual nada posso comentar.

Foi anteontem e mamãe ainda estava hospitalizada. Os problemas na universidade onde eu lecionava se acumulavam. Meu aluno mais complicado do quarto ano, um chinês que adorava Proust, mas que insistia que Albertine era na verdade um homem, havia descoberto o meu endereço e me enviava cartas com citações da *Recherche* notadamente de caráter homo-afetivo. Um judeu com um chinês, veja você. Há mais de meio século um chinês cortara metade da orelha do meu avô, em uma disputa pelo mercado irregular de uísque, máfias que em São Paulo para se ter acesso ou se falava mandarim ou um iídiche bem vagabundo, como o do meu avô.

Mamãe tinha algo na cabeça, ainda não sabíamos o quê. Exames. A burocracia e a brutalidade dos neurologistas, minha classe médica preferida. Nos corredores conversávamos sobre Charles Bronson e por que ele era o rei do Bronx. O doutor Isaque Mandelbaum era um antissionista de primeira linha e tinha uma foto de Ariel Sharon em sua estante. Sharon foi o último judeu decente de Israel. Judeu? Ali não há judeus. Judeus há na diáspora. Israel só tem armas e religiosos. Eu acenava e pensava em mamãe.

Não bastasse tudo isso, minha nova namorada falava pouco, muito pouco. Levei sete anos para conquistá-la, em uma espécie de reedição moderna do Antigo Testamento. Como ela não falava, e quando falava era para me dar um fora, eu a entrevistava sempre. Sua comida preferida, mas o que você acha do conflito na Colômbia, acredita

nessa coisa toda das Farcs, será que o Salinger morreu mesmo, para respostas sempre monossilábicas ou pouco interessadas. Como eu tenho quase doze anos de análise, com três analistas diferentes, todos freudianos ortodoxos, aprendi a lidar com o silêncio, e com os monólogos.

Mas então entra a enorme Clarissa, a maldita Clarissa, que já devia ter sumido da minha vida há anos, mas me persegue aonde quer que eu vá. Você não vai acreditar, mas quando eu a reconheci pela mãozinha, que buscava me pegar. O anel que eu lhe havia dado em 2005 ainda brilhava, a grana que gastei nele. Minha nova namorada jogou os óculos 3D longe e saiu berrando para a frente, perto da tela, em um momento de êxtase profundo para mim, pois foram os segundos em que eu a ouvi por mais de cinco ou dez segundos, e ainda em furor. Minha mente travou entre o anel da mãozinha de Clarissa e a corrida de curta distância da minha nova namorada. Como ainda estava com o óculo 3D a cena foi toda um pouco torta, enquanto já nesse momento todos da plateia já se comportavam histericamente como se aquilo tudo fosse um ato de terrorismo. Eu estava maravilhado.

Tirei os óculos e pedi calma, o que você faz aqui, a gente não pode nem ver um Michael Bay em paz, eu não vou sair daqui. Ou você bota esse cinema abaixo e me pega ou ficaremos nesse impasse. As explosões na tela agora já não soavam tão realistas e de relance eu só vi uma espada de Excalibur sendo lançada aos céus. Pelo amor de Deus, Michael Bay. Ou era a minha falta de óculos?

Estou presa, foi a única coisa que Clarissa disse no meio daquele pandemônio. Não tinha me dado conta mas seu braço gordinho de fato havia entalado na porta do cinema e pra sair dali ou era na base de um machado enorme ou com uma explosão nuclear. Alice, de Carroll, já havia passado por situação parecida, tão belamente ilustrada por John Tenniel. Se eu ainda tivesse uma poção mágica, algum drink me, que fizesse Clarissa retroceder ao seu estado normal. Mas isso não é ficção, isso é vida real, e ali eu me encontrava diante de um King Kong preso, em um acesso de ciúme, com mamãe com um tumor do tamanho de um mamão na cabeça, e com um aluno chinês me mandando indiretas amorosas. A namorada nova, eu nem sei mais onde ela havia se enfiado no meio das explosões espaciais de Optimus Primes, Megatrons e Barricades. Explosões que reitero já não tinham efeito algum sem o óculos, mas ainda guardavam uma magia. A magia de saber que o filme ainda rodava. Ninguém vai parar esse filme pelo amor de Deus. Ficção e realidade são coisas muito curiosas que quando se tocam sai de baixo.



Victor Hugo já dizia que: “A tolerância é a melhor das religiões”.

Quando passei a refletir sobre este tema, lembrei da história “O Pagador de Promessas”, do autor brasileiro, Dias Gomes, lançado como filme em 1962. Como introdução, breve resumo da história que, ao meu ver, permanece bastante atual.

Década de 60. Zé do Burro é um homem humilde que enfrenta a intolerância da igreja ao tentar cumprir a promessa feita em um terreiro de candomblé a carregar uma pesada cruz de madeira por um longo percurso.

Zé do Burro é o dono de um pequeno pedaço de terra no interior da Bahia. Seu melhor amigo é um burro chamado Nicolau. Quando este adoece e não se consegue fazer nada para que o animal melhore, ele faz uma promessa a uma mãe de santo do candomblé: caso seu burro se recupere, promete dividir sua terra igualmente entre os mais pobres e carregará uma cruz desde sua terra até a Igreja de Santa Bárbara, em Salvador, onde a oferecerá ao padre local. Assim que seu burro se recupera, Zé dá início a sua jornada. O filme se inicia com Zé, seguindo fielmente pela esposa Rosa, chegando à catedral de madrugada. O padre local, que representa a autoridade da religião oficial, recusa a cruz de Zé após ouvir dele a razão pela qual a carregou e as circunstâncias pagãs em que a promessa foi feita, impossibilitando o cumprimento da mesma. Todos em Salvador tentam se aproveitar do inocente e ingênuo Zé. Os praticantes do Candomblé querem usá-lo como líder contra a discriminação que sofrem da igreja católica, os jornais sensacionalistas transformam sua promessa de dar a terra aos pobres em grito pela reforma agrária. Zé insiste em entrar na igreja e recebe apoio da população pobre que, acredita que ele tem o direito de pagar sua promessa criando, assim, uma situação de conflito com o padre. A polícia é chamada para prevenir a entrada de Zé na igreja, e ele acaba morto em um confronto violento entre policiais e manifestantes a seu favor.

Na última cena do filme, os manifestantes colocam o corpo de Zé em cima da cruz e entram à força na catedral.

Ao decorrer da leitura, deparamos com vários aspectos a serem analisados, tais como, históricos, políticos, religiosos e até mesmo culturais. Por isso, considero muito rica nos detalhes, inclusive e principalmente, os implícitos.

A obra, aparentemente simples, nos remete a um tempo em que a igreja católica detinha grande parte do poder na política e, principalmente, em regiões do norte e nordeste, as quais a religião em conjugação com o misticismo sempre foi mais marcante.

Zé do burro, personagem simples, por amor ao seu burro promete levar à Igreja de Santa Bárbara, em Salvador. Tudo decorreu de um raio que caiu no burro e que, por desespero, Zé fez a tal da promessa. Assim que o burro se recuperou, juntamente com sua esposa, partiram para cumprir a promessa.

Um dos destaques é que o local de cumprimento da promessa é a cidade de Salvador, na Bahia. Hoje, sabemos que o Candomblé e Umbanda são religiões de origem Africana e que se manifestam no país, porém de forma mais incidente no Norte e Nordeste.

A promessa que Zé do Burro fez foi à Santa Bárbara, mas na Umbanda é chamada de Iansã. Por tal motivo, não foi aceito pelo Padre da paróquia em Salvador.

Vemos aqui o poder da igreja católica que, mesmo em Salvador, limitou a manifestação da religião do Zé. Ora, a fé não é a mesma? Acredito que, se a temos, independe de qual religião nos identificamos e passamos a seguir. Até porque, é possível e muito comum nos identificarmos com preceitos e dogmas de outras religiões.

Desde a Proclamação da República, deixamos de ser um Estado de religião para nos tornarmos um “Estado de Religiões”, em homenagem à laicidade. É, inclusive, motivo de imunidade tributária para impostos, previsto na Constituição federal de 1988. Felizmente, hoje, temos inúmeras religiões no país que se respeitam e convivem em nome de unicamente propagarem a fé.

É evidente que a intolerância religiosa sempre existiu e existirá. No Brasil, já tivemos casos graves entre a igreja católica e evangélica. No mundo, causa de guerras, como a atual na Síria. A história avança, mas não muda, pois, saindo do âmbito nacional e transportando esta mesma ideia para o plano internacional, o cenário é péssimo. Inclusive, muito pior que a simplicidade da cidade de Salvador na década de 60. A guerra com fundamento exclusivo sobre a intolerância ainda faz muitas vítimas.

Somente no ano de 2017, alguns: ataque a ônibus do Borussia Dortmund; Quebec, Estocolmo, Londres, Catalunha, Domingo de Ramos em igrejas do Egito, Finsbury park, metrô de São Petersburgo, Westminster, Manchester Arena entre outros.

Mahatma Gandhi já afirmou:

“A lei de ouro do comportamento é a tolerância mútua, já que nunca pensaremos todos da mesma maneira, já que nunca veremos senão uma parte da verdade e sob ângulos diversos. - Mahatma Gandhi”

Acredito que ao compreendermos a história, temos a obrigação em não cometermos os mesmos erros do passado. A intolerância sempre existiu e existirá. Depende de nós definirmos seu grau de intensidade. Se, internamente, no Brasil, convivemos, dentro do possível, com o laicismo e respeito mútuo entre as religiões em nome da fé e independente do “Deus” a ser venerado, porque não podemos pensar da mesma forma no mundo e com os mais variados assuntos? Sugiro em sermos mais compreensivos e menos sensíveis; mais ouvintes do que falantes e mais ignorantes do que críticos. Não precisa concordar, basta entender.

Papéis canetas pincéis
Post it adesivos figurinhas
Linhas cores brilhos fosco
Clips grampos pôsteres pois
Em ordem alfabética
Ordem e métrica
Pó, pois não há
Colônias bem longe
Nada de mau ar no ar
Assepsia enquanto cintila
No bolso: Pasteur e Baudelaire

Quem ama tá pra sempre
No coração
O amor uniu, o mundo viu
Se esculpiu no coração
Morada indestrutível
4x4
Não há sofrimento
Não há momento que não pense
Nos queridos entes
Queima o incenso, cheiro preenche
A presença preenche
O amor que veio não vai
Na pele tatuagem
Na mente sinapse
Na vida um jamais

Filantropia, geriatria
Intui misturar
Do seu lar fazer mais lares
Não esquecer do lugar em que há

O seu início brilhante
Estrela cadente que dará
Brilho estelar aos dentes

Poeta cabra da peste
Gosta de querer e traveste
Poesia e beijo seu um dia
Longínquo o corpo
Desejo perto feito
Um átomo do outro

Torre de Babel na ponta da língua
Vai aportar em muitos pontos ainda
Em praias lindas, recreios vivos
Merci monsieur, Oui mademoiselle
Je m'appelle poétique
Welcome to my dream
De manhãzinha quero você assim
Mucho gusto
Deu certo a conta te conto
Não deu a gente apronta a janta
Essa poesia não quer dar au revoir
Tarde demais caixa azul
São Paulo, Gallifrey, Crato
Fim do primeiro ato

Quadro com horários tabelados: é hoje!

Terno e gravata, mas nas multinacionais não executam nada
Uniformes em suas várias acepções: bonés, sapatos, calças, botões
Bom dia! Boa tarde! Como vai! Sermões!

Ufania unânime nômade com nome:

Fome... Micro-ondas é a nova cozinha a quem despende metade do dia
Nas praças arborizadas mesmo, do jeito que veio (marmita)
Ao som dos pássaros, dos carros e do roncar de dentro

Estepe de gente com furo rente ao muro

Voltando à cor: totalmente preto (terno)
Absorvendo todos os espectros da luz visível
Queria que soubessem

Movimento madame mormente melhor

Destoando à cor: pés vermelhos que sangraram depois (sapatos)
A quem despende metade do dia o pé se finca no chão
Alicerce de uma enorme construção... E demolida, dia após dia

Operários sem pás, sem paz, sem pés descansar

Ainda quando em pé nem fazem questão de sua presença darem atenção
Pupilas conflituosas, confusas a ignorar a quem despende metade do dia
A vigiar, assegurar, informar, torrar ao sol e ninguém ligar

Saudabilidade nos rádios e ruídos

O infinitivo nem sempre é preciso (ão). No entanto, os calos são,
As datas perdidas, os dias e dias sem ver quem devia (queria), sem livros
Nas mãos, cafeína a percorrer cada vaso da circulação sem interrupção

Pouco pagamento para passar perrengue

A precisão é, certamente, assegurada pelos dias despendidos (perdidos)
Livros, passeios, abraços, diplomas são racionalmente trocados
Por mais horas de sono... Devido à escala: por nada!

Rindo uns com outros: pra passar bem o tempo

Café na mão e remédios pra dormir que a gente toma
O pior, nem sei, se é ficar dias e dias sem ver filhos
Amar a mulher (ou homem)

Ostentei sabedoria: quem diria, dirá

Dias e dias a fio sem saber como vai na escola, jogar bola, se passou frio

O pior, nem sei, se é ficar que nem espantalho, um manequim empoeirado... Com teias de aranha

Isso, talvez, explique os olhares indiferentes, desdenhosos de pessoas estranhas

Tiradentes na área, Capão cipá (pá!)

Copiou? Tô mais enrolado que o fio do fone do rádio (na escuta)

É uma espécie de ligação cortada, com ruídos, prestes a desligar

Exatamente como os transeuntes e os manequins... Ligação distante.

Ême-se, email, em si tudo esquecido

Mãos cruzadas à frente ou escondidas atrás

Postura incólume, soberba, um monumento

Pichada não é, pois respira e vigia e informa e torra

Guardado na sarjeta do sucesso (ontem)

Pode tirar foto? Abre portões... Olhares desdenhosos não tem cadeados

Siga a passarela! Atravesse a via! Vire à direita, à esquerda

Adiante, em frente.

Ei, impropriedade longa também pra mim!

A indicar veredas que não quer (em) que entre (não pode)

É uma placa de trânsito de terno e gravata e que fala

Após despender metade do dia **guardada na gaveta do cansaço**

?

Meu objetivo é ser lembrado pela favela por ter lutado
Meu objetivo é ser amado pela donzela por ter amado
Nos rabiscos do caderno deixei recados, todos ilhados, destilados
Todos intocáveis, estocados
No meu coração não tem mais onde guardar
Eu beijo você aonde quer que eu vá
O amor é óbvio deste lado do mar, abraços nunca recusados
De bruços, de lado, no seu leito, no seu peito, do seu lado
Eu guardo seu cheiro aonde quer que eu vá
Versos em português descrevem perfeitamente o que eu sinto agora
Vambora! Vambora!
Ao ver esses olhos negros, negô, eu piro na hora
Vambora! Vambora!
O desejo já vem na bota
Drink tim-tim
Te quero pra mim
Para ser livre, é claro, vem sim
Nadar nos mares mais raros
Alçar os vôos mais altos
Nas tretas, nos bares, nos acasos
Beijar o corpo o nu
Te despir em casa
E no som Céu Azul
À flor-da-pele, pele em brasa
Perder o fôlego
Repetidamente
Repetidamente
Habitar seu subconsciente
Pega na minha mão
Se ajeite rente a mim
Ponha um som que
Nos represente

Boogie naípe, Black Alien

Ou a voz do Tim

Que graça tem a vida, se ela não for para ser vivida,
Que graça tem a vida se a sua vida não for partida,
Que graça tem em tudo saber e com nada se entreter,
Que graça tem falar várias línguas e em nenhuma delas ser compreendido,
Que graça tem os valores e nenhum deles serem auferidos?

De que adianta as qualidades se não se tem com quem se compartilhar,
De que adianta um amor por inteiro e outro pela metade,
De que adianta um tratamento medíocre quando se dispensa todo carinho e tempo?

Adianta nessa vida amar e não ser amado,
Adianta se dedicar e não ser prezado,
Adianta arriscar na solidão e ficar no suspense da escuridão,
Adianta ser verdadeiro e disposto e recebe coices e socos no rosto?

O que adianta mesmo é viver sem pretensão
É se arriscar com a cautela que tem um aventureiro tomado pela adrenalina da
paixão
A cautela que se faz formal quando as consequências são suportáveis, até mesmo
desejáveis.

O amor pela metade não tem espaço,
a paixão acanhada não tem forma
e o desprezo pelos valores não tem significado

Vazios em essência, a cegueira das relações pretende iludir quem acredita tudo ver

Em um mar de tormentas pessoais profissionais e amorosas, dramas são cuspidos e
publicados

Mas a grande verdade é que todos sofrem, mas só alguns aprendem
Todos querem mas só alguns fazem
Todos amam, mas só alguns a si amam.

Essa é a graça que tem a vida

Saber o script da história

O enredo do conto

A sinopse do filme

É a graça de saber previamente e querer experimentar mesmo assim

Ler a obra depois do prefácio e imaginar a correlação com os comentários

Assistir os romances e concordar com as críticas

É a graça de dedicar um tempo a um relacionamento é saber que o coice é o soco
podem vir

Se mesmo depois disso tudo isso fosse evitado de nada teria graça na vida

De graça não tem nem a graça da vida

O destino é comediante.
Prega peça, faz piada, deixa sem graça e faz viver.
Ele não é entediante,
Mas testa a paciência que em poucos lugares se vê.

Nos devaneios do cosmos, as almas se encontram.
Se trombam nos percalços da vida.
Se acalmam por inquietude,
Ou se afagam, sem cogitar uma despedida.

Se engraçam e se desgraçam,
Se desentendem mas logo se entendem.

Elas são presenteadas pelo destino,
Que sem aviso dá, que sem aviso tira.
Sem questionar d'outro amor,
Procurando apenas um sorriso no rosto alheio, que também é seu.

Não vá dizer que não é das almas,
Não se iluda com os corpos.
Os defeitos são inerentes à alma
O exterior só interessa aos olhos.

Elas são as maiores expressões sentimentais,
Exteriorizadas em um corpo humano,
Que serão eternizadas para o todo sempre,
Nessa ou n'outra vida, nesse plano mundano.

Da tristeza à felicidade
Da angústia à ilusão
Trazem consigo sentimentos instáveis
Que nem explica a razão.

Inclusive uma segunda chance, uma de verdade
São almas que, se vividas em outras vidas,
Serão lembradas para sempre.
E mesmo estando elas longe
Faz crer que será um com outro, na eterna-mente.

Desde a gargalhada arrancada até a confiança perdida
As experiências marcam pegadas na alma vivida

A vida é leve e atribuímos pesos, é justa e dificilmente cometemos os acertos
Da minh'alma estou concretizando os desejos.
Se usam de codinomes, como o *mozi*.
Mas o que importa mesmo é desejar para a minha um feliz dia doze

Essa carta foi escrita com um sentimento.
Hoje, destituída desse predicado, tem apenas destinatária.
Possui forma e palavra, verso e uma rima ordinária
E desconhece o que realmente sente por dentro.

